



O PROFESSOR, O SOFRIMENTO PSÍQUICO E O ESTRESSE: APLICAÇÃO DO ISSL EM UMA IES PARTICULAR DE FORTALEZA.

Autora: Daniele Gruska Benevides Prata; Orientadora: Juliana Brito Cavalcante

*Universidade Estadual do Ceará – UECE daniele.gruska@uece.br; Universidade de Fortaleza – UNIFOR
juliana_brito_psicologia@hotmail.com*

Resumo:

O presente trabalho foi realizado em março de 2015 com uma amostra de 26 professores do Centro de Ciências da Saúde de uma Instituição de Ensino Superior particular da cidade de Fortaleza submetida à aplicação do teste Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp – ISSL como mecanismo para avaliar o estresse ocupacional e a vinculação deste processo com o sofrimento psíquico, o que é considerado pela comunidade científica como o ocasionador da redução da qualidade do trabalho. A quantidade de participantes foi determinada pelo cálculo amostral, determinando o mínimo de 19 professores para que o trabalho fosse estatisticamente válido. A referida amostra apontou a existência de um número elevado de professores em nível de exaustão, o que impacta negativamente na saúde física e mental, além dos problemas de baixa produtividade e qualidade inferior do trabalho. Os problemas desta natureza podem ser reflexos das relações inadequadas de trabalho ocasionadas pela mercantilização do ensino. Utilizando como referencial a teoria da Psicodinâmica do Trabalho de Dejours, esse artigo arriscar-se a resgatar os significados atribuídos a atividade laboral no grupo pesquisado, numa tentativa de compreender como a relação entre sofrimento e prazer decorrentes do trabalho pode interagir de forma a contribuir para saúde ou adoecimentos dos sujeitos submetidos a essa dinâmica. Nos professores esse quadro repercute de forma mais intensa, uma vez que sua atividade laboral é responsável pela formação de profissionais, que tem seu desenvolvimento acadêmico prejudicado pelas incapacidades promovidas pelo adoecimento psíquico originado pelo estresse ocupacional.

Palavras-chave: Trabalho; Sofrimento psíquico; Avaliação.

Introdução

Estudos científicos, oriundos da Pedagogia, da Psicologia e da Sociologia, vêm ao longo dos anos nos advertindo que a atividade laboral exercida além do suportável mental e fisicamente, pode ocasionar uma série de transtornos, dentre eles o sofrimento psíquico e a síndrome de *Burnout*.

Neste contexto é possível encontrar o docente do ensino superior particular, pois tende a estar exposto a situações como a cobrança para maior produtividade em nível acadêmico, tendo em vista as constantes exigências do MEC no que pese à produção de pesquisas e artigos científicos, a fim de elevar a pontuação da instituição e assim, mantê-la no mercado educacional.



Pressionado a contribuir cada vez mais, o profissional se torna refém desse cenário mercantilizado da educação; e as conseqüências podem ser as piores possíveis. Por isso, o presente estudo buscou investigar se o sofrimento (físico ou psicológico). do docente atuante na área da saúde repercute na qualidade de ensino ofertada pelo mesmo, dentro de um contexto de educação superior. Daí parte o questionamento: as condições modernas de trabalho dos docentes geram síndromes de patologia laboral, conhecidas sob diferentes nomes na Medicina?

Para obter resposta a esse problema de pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura pertinente ao tema e aplicado o teste: Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), com professores do Centro de Ciências da Saúde de uma Instituição de Ensino Superior de Fortaleza. Destaque-se que o questionário escolhido é uma dos instrumentos mais eficazes de se mensurar os índices de estresse e, assim, relacionar os tipos de sintomas associados ao processo.

Os resultados encontrados revelaram um percentual elevado de professores com estresse, sendo considerada alarmante a quantidade que se encontra no nível de exaustão, fase considerada patológica do estresse e em que podem ser desenvolvidas doenças crônicas físicas e psicológicas e que tem ampla relação com a baixa produtividade e incapacidade para o trabalho.

1. O sofrimento psíquico nas relações de trabalho

O sofrimento psíquico no trabalho é um fenômeno desenvolvido na e pelas organizações. As organizações promovem uma taxação do indivíduo como doente, transformando a noção de sofrimento em dor. Desta forma, lidar com a dor fica a cargo dos especialistas (profissionais da saúde). que nomeiam o sentimento do outro, sem dar oportunidade para que o sofrimento gerando mudanças comportamentais e emocionais nos trabalhadores (MENDES E ABRAHÃO, 1996).

Além disso, o sujeito impossibilitado de lidar com seu sofrimento ainda suporta estigmas, não apenas dos outros, mas também de si quando não aceita sua dificuldade e tenta a todo custo permanecer em contato com a coisa desagradável que gerando expiação. Por tanto, os sentimentos



de fuga e retaliação a estrutura inadequada de trabalho é a todos os tempos colocados à prova, uma vez que o sujeito e o próprio sistema não aceitam a condição de que seu problema tem ampla relação com o local do trabalho, podendo o sujeito receber como *feedback* que seu problema tem exclusiva relação com a personalidade (CODD; SAMPAIO & HITOMI, 1993).

Assim, a compreensão do sofrimento como parte de sujeito e reação ao desagradável, sai do campo da lida existencial individual e chega ao campo do coletivo, quando seu desgosto é exposto e nomeado por outros que não sofrem o mesmo que ele (BERTÃO E HASHIMOTO, 2006).

Outro fator importante apresentado é que é muito mais fácil abolir do convívio social aquilo que está fora de um padrão estabelecido. Em outras palavras, o sujeito que sofre é erroneamente chamado de doente, é afastado do social, sem receber ações preventivas ou “curativas” que possibilitem uma melhora das suas sensações. Desta forma, o “sofredor” recebe o estigma, se estigmatiza sozinho e ainda não recebe apoio institucional ou social, ocasionando numa problemática longe de ter soluções (BRANT & MINAYO-GOMEZ, 2004).

Lidar com o sofrimento, que é experiência individual, fica sendo propriedade dos especialistas da saúde, restando ao indivíduo aceitar-se como limitado, doente, ineficaz e com baixa produtividade dentro de um contexto mais amplo do que simplesmente das questões de personalidade, mas que tem forte relação com condições de trabalho desagradáveis (LIMA, 1998).

Dejours, quando explica que o sofrimento é mecanismo de o indivíduo lidar e elaborar idéias para o enfrentamento das dificuldades com o trabalho, por exemplo, discorda da idéia de que as organizações tenham *know-how* para lidar com os indivíduos que participam desse momento. Assim, as instituições transformam o sofrimento em malandragem, estigmatizando os sujeitos que a vivenciam e, além disso, ainda nomeia o sujeito que sofre de doente, tirando dele a autonomia para cuidar de si. Em outras palavras, o trabalho não existe sem estar atrelada em alguns dos seus momentos a idéia de sofrimento (DEJOURS, 1999).

Por conta disso, estratégias inconscientes, tais como ideologia defensiva, que é a tentativa do sujeito de esconder o sofrimento por ser estigmatizado como malandragem, são tomadas pelos



sujeitos como forma de alimentar ainda mais o ciclo que possibilita a manutenção do sofrimento, não acontecendo nunca à melhor e desencadeando outros problemas, como por exemplo, as doenças ocupacionais, as psicossomáticas e a incapacidade para o trabalho (DEJOURS, 1994).

Os professores das IES como trabalhadores que fazem parte de um sistema de mercantilização, também são submetidos a esses processos de sofrimento, sobretudo quando permanecem atuando profissionalmente numa espécie de círculo vicioso de forma a desenvolver processos de exaustão e conseqüentemente, de adoecimento.

2. A Síndrome de *Burnout* como reflexo do trabalho acadêmico

O trabalho acadêmico, como já mencionado, é regido na atualidade por leis mercantilistas que taxam as relações entre profissional e instituição como ações de compra e venda de mão-de-obra, gerando nos sujeitos que fazem parte desse processo um sentimento de coisificação de si e do trabalho que desempenham. Em outras palavras, os sujeitos deixam de realizar no trabalho suas ações de identificação e prazer com a atividade laboral e passam a desenvolvê-la de forma mecânica e capitalista, onde a produtividade é uma finalidade (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Tal constatação, com amplo suporte na literatura, culpa a mercantilização do trabalho, como motivadora da despersonalização do indivíduo e do sofrimento. A despersonalização, sintoma que reflete o deixar de importar-se com o mundo e com os sujeitos que nele atuam é uma característica bastante encontrada em processo de *Burnout* (CARLOTO, 2002).

A síndrome de *Burnout* começou a ser estudada em meados de 1970 nos Estados Unidos e foi evidenciada inicialmente em grupos de profissionais da área da saúde. Tal relação foi explicada pela ação desses profissionais em cuidar ou ter responsabilidade por outros sujeitos, que dependiam do seu trabalho para sobreviver ou obter êxito nos tratamentos (MENDES & DIAS, 1991).

As grandes cargas de trabalho e as dificuldades rotineiras nas suas ações profissionais desencadeavam mecanismos de defesa, onde os sujeitos pesquisados passavam a não se aproximar



emocionalmente dos sujeitos que estavam aos seus cuidados, “coisificando” a dor do outro e realizando o trabalho de forma mecânica e sem comprometimento pessoal. Isso ocasionava um grande índice de retrabalho e baixa produtividade dos profissionais, sem contar as licenças saúde e o alto índice de absenteísmo nesse grupo (LAUTERT, 1997).

Posteriormente outros grupos de profissionais foram também pesquisados, sendo encontrados também elementos que seriam pertinentes ao desenvolvimento da síndrome de *Burnout*. As profissões em que os funcionários tinham maior proximidade com seus públicos-alvos tendiam a ter maior incidência da síndrome, principalmente aqueles que não realizavam outras atividades laborais concomitantes (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Embora seja erroneamente confundida com estresse, a síndrome de *Burnout* tem mais características e a principal delas é irreversibilidade. Isso quer dizer que os sujeitos que a desenvolvem não se sentem mais aptos a realização da atividade desempenhada, sendo necessária a readaptação de função ou aposentadoria em casos mais severos. Em outras palavras, os sujeitos que adoecem por conta dos regimes inadequados nos trabalhos tendem a ser afastados quando não possuem mais seu potencial produtivo para as empresas onde adoeceram (LIPP, 2000).

Assim, a síndrome de *Burnout* apresenta uma ampla relação com as instituições, sendo apenas encontradas em sujeitos cujos regimes de trabalho refletem algum tipo de inadequação, sejam esses desajustes provocados pelas instituições ou por como essas instituições interagem com o sujeito de forma a se tornar prisão psíquica para ele (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Desta forma, os educadores também participam desse movimento de violência, quando permitem a exploração do seu trabalho sem negociar com seu próprio adoecimento e se violentando em virtude de um ideal que sempre irá contra ao conceito e humano.

3. Avaliação na qualidade de ensino, estresse e sofrimento psíquico



A avaliação do ensino superior é determinada por mecanismos estabelecidos pelos órgãos governamentais da educação e pelo mercado, uma vez que a noção de educação como mercadoria permeia o cenário atual (CUNHA, 1997).

São instituídas regras de validação e avaliação tanto das instituições de ensino como dos educadores que fazem parte dos seus quadros, sendo atribuídas pontuações que permitem alavancar recursos, aprovar novos cursos superiores, receber incentivos federais e conceder funcionamento às instituições, sendo importante obter notas mínimas necessárias para receber permissão de funcionamento e manter cursos superiores abertos (GOMES, 2002).

Devido às exigências conferidas pelo MEC, as instituições de ensino superior particulares têm repassado aos seus funcionários uma grande parcela de responsabilidades, exigindo altas produtividades de pesquisas acadêmicas além das atividades da docência (SIQUEIRA, 2006).

Essas solicitações das IES particulares não se traduzem em retornos financeiros e redução de jornada de trabalho docente, sendo somadas as atribuições já exercidas pelos profissionais. Essas atribuições acabam acarretar processos de estresse nos sujeitos que a elas são submetidos, promovendo adoecimentos em níveis físicos e psíquicos. Este adoecimento repercute de negativamente no desempenho do profissional, ocasionando a redução de produtividade e qualidade do trabalho (DIAS, HORIGUELA & MARCHELLI, 2006).

Desta forma, as IES têm tentado alavancar suas ações utilizando a mão de obra do professor de forma inadequada, revelando um processo de mercantilização do ensino e de queda na qualidade do conhecimento como produto comercializado. Isso traduz uma movimentação da atividade do educador em direção aos processos de inadequação do trabalho, refletindo uma lógica de quantificação das ações profissionais sem prezar por uma qualidade de trabalho.

Assim, o educador se vê frente a um trabalho quase fabril, em que a produtividade é sempre priorizada frente a outras questões que fogem a este âmbito, tais como o aprendizado discente e a repercussão do ensino superior na empregabilidade dos sujeitos entre outras (GOMES, 2002).



Este problema aparece quando da realização do Exame Nacional do Desempenho Estudantil – ENADE, que atribui pontuações às faculdades frente ao desempenho dos alunos em questões que abordam conhecimentos específicos sobre seu curso de ensino superior e dos conhecimentos gerais apreendidos durante sua formação acadêmica.

A prioridade das instituições acaba por corroborar com um ensino sem qualidade e por si só denunciam suas práticas de exploração do trabalhador, que opta por manter-se empregado através de titulações e participações em eventos, produções intelectuais e deixa o papel de educador em um patamar menos importante, acarretando um baixo rendimento docente e discente como consequência (DIAS, Horiguela & Marchelli, 2006).

Além disso, a sobrecarga de trabalho e a prescrição laboral influenciam no significado atribuído ao labor, retirando a criatividade inerente ao ser humano e desenvolvendo o mecanismo de reprodução, o que é evento gerador dos processos de sofrimento (Siqueira, 2005).

O sofrimento repercute de forma negativa na qualidade e produtividade dos sujeitos, gerando mecanismos de defesa que tentam retirar aquilo que gera a dor emocional e, desta forma, se apresentam como inadequações, tais como, as fugas do trabalho, os adoecimentos físicos e mentais e os esquecimentos (Dejours, 1992).

Assim, as formas de enfrentamento à sobrecarga, que pode ser física, cognitiva e psíquica, possuem um caráter de esquiva do que causa o sofrimento, ressoando de forma a boicotar inconscientemente as exigências impostas aos educadores (Mendes, 1995).

Metodologia:

A amostra de 26 professores foi selecionada aleatoriamente entre os lotados no Centro de Ciências da Saúde de uma IES na cidade de Fortaleza. Os sujeitos participaram da aplicação do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp – ISSL e foram esclarecidos sobre a utilização do instrumento em pesquisa e possível divulgação dos dados resguardando a identidade.



O *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos – ISSL* (LIPP, 2000) tem por objetivo identificar a apresentação de sintomas de estresse, os tipos de sintomas apresentados, se são físicos e/ou psicológicos, em que fase do estresse o sujeito se encontra (alerta, resistência, quase exaustão e exaustão). O levantamento desses dados é feito através da consulta nas tabelas de avaliação contidas no manual, sendo inviável e não validada a avaliação através da simples contagem de sintomas. Esse levantamento é feito a partir de três tabelas de correção referentes a: fase do estresse, tipo de sintoma físico e tipo de sintoma psicológico.

O percentual de participantes da pesquisa representa 10% do total de professores do referido centro, sendo considerada amostra válida para análise do fenômeno de estresse e sofrimento, quando o segundo é refletido pelos sintomas psicológicos ou emocionais encontrados na amostra.

Dada ao regime de medo e suspeita generalizada de que pesquisas podem servir de base para futuras retaliações, o número de profissionais pesquisados não pode ser maior. Foi, então, adotado um cuidadoso plano de aproximação dos professores a fim de dirimir suspeitas e assegurar a cada um de que os resultados seriam utilizados apenas para fins científicos e que a anonimato seria inteiramente preservado.

Os testes foram aplicados nas dependências de uma IES privada e seguiram a padronização exigida, que determina tempo, instrumentos para coleta de dados e condições físicas ideais.

Os professores participantes assinaram na capa do teste a permissão para divulgação dos dados desde que resguardasse sigilo da identidade do voluntário, sendo possível apenas a divulgação de dados gerais estatísticos sobre o resultado da pesquisa. Para aqueles que preferiram, foi possível a divulgação do laudo individualmente através de *feedback* com a psicóloga responsável ou por retorno em e-mail, de acordo com a preferência do voluntário.

As respostas encontradas no teste preenchido pelo grupo foram analisadas através da teoria da Psicodinâmica do Trabalho desenvolvida por Dejours.

Resultados:



Os resultados do Caderno de Teste do ISSL foram tabulados por intermédio da folha de avaliação, que é parte integrante do instrumento e pela ferramenta do Excel, que possibilitou o cálculo da amostra e confecção dos gráficos apresentados.

A identificação no teste ficou a cargo de escolha dos sujeitos pesquisados, podendo receber o *feedback* sobre sua qualificação pelo teste apenas aqueles que registrassem seus nomes e formas de serem encontrados. Para isso, o uso do e-mail foi considerado um mecanismo importante, o que possibilitou o contato com todos aqueles que se interessaram não apenas na participação da pesquisa, mas também em ter ciência da sua condição e estágio de estresse.

O teste ISSL revelou um percentual bastante elevado de professores em fases de estresse. Dos professores pesquisados, 31% não possuíam sintomatologia que indicasse o problema, sendo atribuídos poucos sintomas significantes ou nenhum.

A fase de alerta, considerada inicial não teve ocorrências, sendo verificado um percentual de 46% dos professores em fase de resistência, 8% em quase exaustão e 15% em exaustão, sendo o último um dado preocupante, uma vez que essa fase é responsável pelo desenvolvimento de doenças crônicas e incapacitantes.

Assim, a associação entre sintomas e a frequência destes nos sujeitos pesquisados reflete uma necessidade de cuidados como tratamento e prevenção do sofrimento psíquico, uma vez que essa problemática possui uma ampla relação com a ultrapassagem de limites mentais e físicos, gerando a incapacidade para o trabalho e a redução da capacidade laboral, o que se traduz numa baixa qualidade e produtividade no trabalho.

Os sintomas presentes na mostra de professores na fase de resistência tiveram predominância de apenas sintomas físicos (60%), tendo ocorrência também de apenas sintomas psicológicos (20%) e concomitantemente os dois sintomas (20%). Na fase de quase exaustão, os sintomas físicos foram predominantes, não tendo outras ocorrências sintomatológicas.

O grupo que estava na fase de exaustão revelou um total de 75% com sintomas mistos de ordem psicológica e física, 25% de sintomas apenas de ordem psicológica e nenhum com sintomas



apenas físicos. Esse dado permite avaliar a relação entre o agravamento do estresse e o sofrimento psíquico, o que pode ser limiar entre passar de uma fase a outra, inclusive possibilitando o desenvolvimento de doenças tais como a Síndrome de *Burnout*.

Benevides-Pereira (2002) aborda a relação entre o estresse ocasionado pelo trabalho e o desenvolvimento da *Burnout*, destacando o volume de atividades, as violências relativas ao tempo-livre e o tempo de não trabalho e a necessidade do ócio. Os professores pesquisados que possuíam atribuições administrativas ou de pesquisa somadas as atribuições originais do cargo apresentaram uma maior ocorrência de estresse, a saber: 3 dos em que estavam em fase de exaustão, 8 dos que estavam em fase de resistência e 1 dos que estavam em fase de quase exaustão. Esses resultados podem estar atrelados ao grau de dificuldade das tarefas desenvolvidas, além das responsabilidades cobradas pelos departamentos a que se vinculam.

Os fenômenos do estresse e sofrimento psíquico associados à baixa produtividade não puderam ser analisados, uma vez que tais dados não puderam ser disponibilizados pela instituição pesquisada. Vale ressaltar que a referida instituição passa por reestruturação funcional, ocasionando demissões e mudanças nos cargos administrativos. Por conta desse fator, alguns questionamentos funcionais não puderam ser respondidos, talvez pela dificuldade da própria administração de recursos humanos em lidar com esse problema.

Conclusões

A pesquisa, desenvolvida com uma amostra de professores do Centro de Ciências da Saúde de uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Fortaleza, pôde trazer à tona uma problemática bastante abordada por teóricos estrangeiros: a relação entre estresse ocupacional, sofrimento psíquico e produtividade.

O estresse, medido através do teste ISSL mostrou uma amostra bastante comprometida. Um número elevado na amostra de professores na IES pesquisada estava na fase de exaustão, chegando a 15%. Tal percentual aponta as condições de trabalho como possível causa para o nível de estresse



apresentado, uma vez que $\frac{3}{4}$ da amostra que se encontrava nesse nível possuía atribuições somadas às originais da função de professor, tais como funções administrativas e de pesquisa.

A sintomatologia da fase de exaustão, da qual se aproxima o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*, tem ampla relação com o sofrimento psíquico. Isso pode tornar os sujeitos que apresentaram esse nível predispostos ao desenvolvimento de doenças crônicas, com menor capacidade laboral e, principalmente, com tendências de incapacidade para o trabalho.

O contexto de demissões e reestruturação em que a IES pesquisada se encontra corrobora para o desenvolvimento de doenças ocupacionais de ordem física e emocional, sendo importante ressaltar como as condições modernas de trabalho dos docentes geram síndromes laborais, conhecidas sob diferentes nomes na Medicina. Assim, o trabalho e as relações contemporâneas de emprego oferecem mecanismos de adoecimento em troca de produtividade e saúde do trabalhador.

Referências:

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. ***Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador***. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BERTÃO, Flávia R.B.M. & HASHIMOTO, Francisco. ***Entre o desejo e sofrimento psíquico no trabalho: um estudo de caso com professora de educação infantil***. Psicologia em revista, Belo Horizonte, vol. 12, n. 20, p.141 – 163, dezembro de 2006.

BRANT, L.; MINAYO-GOMES, C. transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. ***Ciência e Saúde Coletiva***, 2004, n 9, vol. 1, pp. 213-223.

CARLOTO, Mary Sandra. Síndrome de *Burnout* e a satisfação no trabalho: um estudo com professores universitários. In: BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. ***Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador***. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CODO,W; SAMPAIO,J; HITOMI, A. ***Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho***. Petrópolis:Vozes, 1995.



- CUNHA, L.A. A nova reforma do ensino superior: a lógica reconstruída. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 101, pp. 20-49, julho de 1997.
- DIAS, C.L.; Horiguela, M.L.M. & Marchelli, P.S. Políticas para avaliação do ensino superior no Brasil: um balanço crítico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, pp. 435-464, setembro a dezembro de 2006.
- DEJOURS, Christopher. **A loucura do trabalho: estudo da psicologia do trabalho**. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.
- _____. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. Ed Atlas: São Paulo, 1994.
- DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento Sem Trabalho**. São Paulo: Editora Esfera, 1999.
- GOMES, A.M. Políticas de avaliação da educação superior: controle e massificação. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, pp. 275-298, setembro de 2002.
- GOMEZ- MINAYO, C. & THEDIN-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: parceiros e dilemas. **Cadernos de saúde pública**. Rio de Janeiro. p. 21-32, 1997
- LAUTERT, L. O desgaste profissional: estudo empírico com enfermeiras que trabalham em hospitais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, RS, v. 18, n. 2, p. 133-144, 1997
- LIMA, M.E.A. A Psicopatologia do Trabalho. Origens e desenvolvimentos recentes na França. **Psicologia Ciência e Profissão**, n 18, v. 2, pp. 10-15, 1998
- LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. **Qualidade de Vida no Trabalho - Conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIPP, M. **Manual do inventário de sintomas de stress para adultos Lipp (ISSL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MENDES, A. M. & ABRAHAO, J. I. A influência da organização do trabalho nas vivências de prazer e sofrimento do trabalhador: uma abordagem psicodinâmica. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 12, pp. 179-184, 1996.
- MENDES, R & DIAS, E. C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Rev. de Saúde Pública**, n. 25 v. 5, pp. 3-11, 1991
- MENDES, A.M.B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem trabalho: as contribuições de Dejours. **Psicologia Ciência e Profissão**, n. 12, v. 3, pp. 34-38, 1995.



MINAIO, M.C.S et All. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Rio de Janeiro: **Ciência e saúde coletiva**, v.5 pp.7-18, 2000.

SIQUEIRA, T.C.A. O trabalho docente nas instituições de ensino superior privado em Brasília. **Sociedade e estado**, v. 21, n.3, pp.810-811, dezembro de 2006.